Um livro sobre filosofia

MOZART SORIANO ADERALDO

Disse e repito: somos nós, os escritores, os homens mais objetivos do mundo, precisamente porque, através de palavras, que traduzem o pensamento criador, construimos o futuro.

Realmente, não seriam os homens dos grandes negócios os arautos do futuro, especialmente de um bom futuro, de uma era "vitalmente cristã", na classificação do eminente pensador contemporâneo.

Tão pouco, por mais que sinceramente se esforcem, não seriam os vultos do procênio político os verdadeiros construtores de uma nova civilização, a um só tempo respeitadora da Liberdade — dessa responsável e gloriosa Liberdade dos filhos de Deus, na expressão de S. Paulo — e garantidora da Ordem, sem a qual não seria possivel qualquer tipo de Liberdade. Excetuados os que ingressam na vida pública para desenvolver, nem sempre licitamente, os seus negócios, nao merecendo por isso, sequer, a qualificação de políticos, não seria justo ignorar que, vivendo e morrendo pobres, os políticos propriamente ditos podem ao menos orgulhar-se dessa sua indiscutível qualidade positiva. Mas insisto em dizer: não seria ainda entre eles que haveriam de ser encontrados os verdadeiros construtores de um mundo melhor.

O mundo que sonhamos — cristão, democrático, humano — jamais resultará de regimes que, isolados da realidade, se apegam a conceitos superados de liberdade, onde o formalismo vale mais do que a essencia das coisas, ou de sistemas que, sob o rótulo de modernos e avançados, fazem o homem voltar aos primitivos tempos das cavernas. Ao falido liberalismo da Revolução Francesa, germe de todos os males dos tempos modernos, e à falsa solução do marxismo, não mais germe porém suma de todos os descaminhos da humanidade, a partir do Renascimento substimador de Deus, da Reforma subversora da Autoridade, da Revolução Francesa, deturpadora da própria Liberdade, não haveremos de pedir inspiração. Essa nos virá através dos equilibrados homens de pensamento, criadores de um grandioso futuro para a humanidade, perfeitamente previsível depois destes conturbados e plumbeos dias de confusão. E não seria para admirar que assim ocorresse, pois a História nos so-

corre para demonstrar que foram homens de pensamento os faurosos do progresso da Humanidade. Que seria da civilização grega sem Sócrates, sem Platão, sem Aristóteles? De Roma, sem Cícero? A própria Igreja, por si mesma tão grande pela imensidão de seu Fundamento, seria menor sem Paulo, sem Agostinho, sem Tomás de Aquino, não obstante os homúnculos que hoje porfiam, inutilmente, em subestimar aqueles luminares da inteligência.

Vale, assim, o apelo que se faz: esperançosamente, aos homens de pensamento, com vistas a um futuro melhor para a Humanidade, pois ninguém poderia ignorar a profunda crise que o mundo atravessa, de repercussões tão amplas e tão profundas que ameaça culminar com o que jamais acontecera no decurso de vinte séculos — a Própria Igreja Católica dividida por quem mais deveria promover a sua união, e enfrentando insidiosos inimigos internos, depois de ter vencido o paganismo romano, a agressividade dos povos bárbaros, o regalismo medieval, o surto das heresias, a incredulidade dos Enciclopedistas liberais e o fanatismo dos primeiros materialistas dialéticos, adversários externos que, por isso mesmo, foram mais facilmente batidos.

Época de excessos e de contrastes, haveriam de ser precisamente alguns daqueles que mais insistem na necessidade da "promoção do homem" os que menos desejam ver a Pessoa Humana integralmente respeitada, pelo menos sob o duplo aspecto de matéria e espírito com deveres sociais porém com direitos inalienáveis que Estado oficialmente materialista desrespeita, embora não o pudesse fazer diante do Direito Natural.

Os verdadeiros construtores de um futuro melhor — pasme de espanto, o tresloucado mundo de hoje — hão de ser buscados nos gabinetes de estudo, principalmente entre aqueles que mais parecem alienados da confusão circundante. Somos nós os que traçamos seguro roteiro àqueles mesmos que nos substimam, deploram e criticam. Somos nós — proteste, embora, toda a corte dos chamados homens práticos — os que de fato construimos, os que orientamos, indiscutivelmente consequentes e irrefutavelmente lógicos.

Exemplo eloquente, e não isolado, destas verdades é a iniciativa que a Faculdade de Filosofia do Ceará acaba de adotar, publicando o livro para cujo paraninfado fomos honrados com generoso convite.

Obras de muitos, como se ocorrer em coisas duradouras, a diretriz é uma, manifesta numa sincera e digna pesquisa em torno do "Ensino da Filosofia no Ceará". E são estrelas desse elogiavel cometimento as personalidades inconfundíveis do Prof. Denizard

Macedo de Alcântara tão grande que não se pode comprimi-la nos escaninhos de uma Universidade; de Domingos Andrade Lima, que ostenta, orgulhosamente, o título de Bacharel em Filosofia; do Pe. Antonio Silva Rodrigues, Doutor em Filosofia e Professor do Instituto de Ciências Religiosas de Fortaleza e da Faculdade de Filosofia de Limoeiro; de Adísia Sá que, além de Bacharela em Filosofia e Professora da Faculdade de Filosofia do Ceará e da Faculdade de Ciências Sociais e Filosofia da Universidade do Ceará, é colega muito querida dos velhos tempos de A.C.I., entre as quais vale relembrar a criação do Curso de Jornalismo, eu no Conselho Universitário de então e ela como jornalista atuante que sempre foi; do Pe. Brendan Patrick Wals, Bacharel em Filosofia e Membro do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo; do Pe. Michel Augustine Kelly, filósofo e Teólogo pelo Seminário Maior dos Padres Redentoristas de Galway.

A iniciativa honra não somente os autores dos estudos contidos no livro, mas ainda a Faculdade que patrocinou, superiormente dirigida pelo personalidade humana e ao mesmo tempo austera do Pe. Luís Monteiro, excelente exemplo de sacerdote católico. E honra por extensão, toda a intelectualidade cearense, que nela vê mais uma projeção do trabalho pioneiro daqueles que em idos tempos, se interessaram pelo estudo da Filosofia no Ceará a começar pela fundação do meu Liceu do Ceará, em 1845; pela iniciativa de instalação do benemérito Seminário da Prainha, Dom Luís, 1.º bispo do Ceará, em 1864; pela organização da chamada Academia Francesa do Ceará, de 1872; pela fundação da respeitável Faculdade de Direito do Ceará, em 1903; e, finalmente, pela criação, na década de 1940, da Faculdade Católica de Filosofia do Ceará, hoje Faculdade de Filosofia do Ceará, que muito influiu para a criação da Faculdade de Ciências Sociais e Filosofia da Universidade Federal do Ceará.

Peço de logo perdão por não me ser dado, nesta oportunidade, enunciar, sem omissões, quantas entidades e quantos amigos da Filosofia mereceriam, sem dúvida, relembrados. Uma exceção apenas abro para aquele que, filho do Ceará, aqui educado e aqui lançado ao mundo pensante, se tornou sem dúvida a mais alta expressão do pensamento filosófico no Brasil. Já sabeis que desejo prestar, nesta oportunidade, através de minha fraca voz, como já o fiz quando do centenário de seu nascimento, ajudando o Governador Parsifal Barroso a erigir em praça pública a bela estátua em bronze do grande cearense, modesta mas significativa e sincera homenagem a Raimundo de Farias Brito. É na pessoa dele, a quantos nesta porfiam em estudar e cultuar a Grande Ciência, mãe de todas as outras, especialmente aos que, enfrentando obstáculos facilmente

advinhados, brindaram a cultura cearense com o volume que tenho o prazer e a honra de paraninfar, traçando roteiro seguro à mocidade estudiosa de nossa terra.

* * *

"ROLINS, CARTAXOS E AFINS"

Juazeiro do Norte, 26/7/72.

Exmo. e Prezado Ministro Mozart Soriano Aderaldo,

Trago hoje elementos que lhe proporcionarão melhores conhecimentos dos ascendentes de sua espôsa. Pesquisando a família do antigo Engenho de Santa Teresa, de Missão Velha, família que ficou conhecida como "Terésios", descobri que é minha parenta D. Ana Cartaxo Aderaldo (Nanza).

Fundador do citado Engenho de Santa Teresa e, já em 1731, fixado no Cariri cearense, o alagoano **Capitão José Paes Landim** (filho do Alferes Simão Rodrigues de Sousa e de Úrsula Paes Landim, igualmente alagoana), com **sua mulher** Geralda Rabelo Duarte (baiana de Itapicuru de Cima, filha do Capitão Domingos Duarte, português do Bispado de Vizeu, e de Ângela Paes Rabelo, também baiana de Itapicuru de Cima), tiveram, entre outros, um filho, nascido neste Cariri, Capitão Domingos Paes Landim, **que se casou com** Isabel da Cruz Neves, filha do português do Bispado do Porto, Sargento-mor Manuel da Cruz Neves, e de Joana Fagundes de Sousa, natural de Pambu — Bahia (filha, esta última, do português lisboeta Manuel de Barros e Sousa e Joana Fagundes da Silveira, baiana).

Cs preditos Capitão Domingos Paes Landim e sua mulher Isabel da Cruz Neves foram genitores de:

José da Cruz Neves, casado com Inácia Maria de Jesus Ferreira, natural da Serra dos Martins, pais de:

Vicente Ferreira da Cruz, casado com Joaquina Teresa de Macedo, pais de:

Inácia Maria de Jesus (n.º 13, pág. 88, de "Rolins, Cartaxos e Afins"), bisavó de D. Ana Cartaxo Aderaldo (Nanza).

Esta Inácia Maria de Jesus tinha 9 (nove) irmãos, segundo o inventário do pai dela, sendo o mais velho, José Vicente da Cruz, meu bisavô paterno.

De Luísa Paes Landim, rebento do casal acima mencionado — Capitão Domingos Paes Landim e Isabel da Cruz Neves — procede o Reitor Antônio Martins Filho.

De outra filha do mesmo casal — Domingos e Isabel —, de nome Leocádia Paes Landim, advêm os intelectuais Nertan e Denizard Macedo.

Cordial abraço do

Joaryvar Macedo."